

“Tranca a porta! Não deixa elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade

**Cláudia Maria Ribeiro¹
Carolina Faria Alvarenga²**

Resumo

Essa foi a expressão de uma criança de 4º ano que integra uma das turmas onde está sendo desenvolvido o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID Pedagogia. Este texto, portanto, problematizará a experiência de coordenadoras, supervisoras e bolsistas do Programa com foco na fala das crianças sobre sexualidade e relações de gênero. Observamos acontecimentos, registramos os ditos e os não ditos, os gestos, as expressões em um diário de campo e fotografamos as crianças em atividade. Concluímos que é possível criar espaços para as expressões das crianças nas temáticas das sexualidades e das relações de gênero.

Palavras chave: Gênero, Sexualidade, Expressão das crianças, Educação, PIBID.

“Lock the door! Do not let them leave” a context to emerge the expressions of children on gender and sexuality

Abstract

That was the expression of a child from the 4 th grade that integrates one of the classes in which the Scholarship Program Initiation to Teaching - Pedagogy PIBID is being developed. This text, therefore, will discuss the experience of coordinators, supervisors and scholars of the Program with a focus on children speaking about sexuality and gender relations. Observing events, we recorded the sayings and the unspoken, the gestures, the expressions in a field diary and photographed children in activity. We concluded that it is possible to create spaces for the expressions of children in the issues of sexuality and gender relations.

Keywords: Gender, Sexuality, Children Expression, Education, PIBID.

1 Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – UFLA.

2 Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – UFLA.

E PORQUE A CRIANÇA SE EXPRESSA FALANDO DA PORTA TRANCADA?

Nesse caminho rizomático da *pesquisaexperiência*, a simbologia da porta passou a inspirar nosso processo de criação – o que a fala de uma criança exprime? Chevalier e Gheerbrant (1998) permitem-nos iniciar o movimento de criar tecidos... tecelagens... redes... rizomas:

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre a um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além...

Aquela criança, quando diz para a professora da turma: “Tranca a porta! Não deixa elas saírem!” indica que outro mundo estava se constituindo – o mundo das histórias, das músicas, das poesias que se abriam a um mistério! Um mundo de possibilidades da fala sobre temas que pareciam proibidos e que – por detrás daquela porta – espaços outros: heterotopias? estavam construindo “as multiplicidades em processo, diferença enquanto o que experimenta a vida” (KATZ, 1996). Esse autor fala da criança diferença e nós debruçamo-nos em tanta diferença apagada! Controlada!

Assim, optamos por entender nossa experiência como pesquisa-experimentação e, com ela, “autorizar-se a ler o mundo de uma aula, de um currículo, de uma escola, de um artefato cultural, de um discurso com rigor e leveza, livres da rigidez de ter que classificar nossa leitura em um método já pronto e completamente definido” (CARDOSO, 2012, p. 222). Muitas foram – e são – nossas perguntas que emaranham temas os mais desafiadores: o que é o PIBID? Como inserir na formação inicial as discussões de gênero e sexualidade? E na formação continuada? O que essa inserção tem a ver com o direito que as crianças têm de falar e expressar sua sexualidade? Com o currículo da escola? Como um olhar afinado para as experiências pode articular o cotidiano e a intencionalidade da pesquisa para pensar a fabricação das crianças nesse processo do ensinar-aprender – ou omitir – os temas das sexualidades e das relações de gênero? Adentremos em nosso percurso!

Ana Godoy (2008) diz que “a noção de percurso tal como venho desenvolvendo funciona na articulação com uma cartografia/rizomática

trabalhada por Deleuze e Guattari e com os contrapositionamentos propiciados pela noção de heterotopia” (p. 178). Essa noção de heterotopia, ou seja, um outro espaço dentro do próprio espaço seria a possibilidade de “esquivar [da] banalização da vida, [dos] pensamentos e [das] práticas empobrecedoras e redutoras de possibilidades de experimentação da vida (GODOY, 2008, p. 185). O pedido para “fechar a porta” faz-nos pensar nas questões éticas e políticas dos processos de formação de educadoras e educadores que estão inexoravelmente articulados com a educação das crianças e as relações de poder, as resistências, a governamentalidade, os movimentos de liberdade de pensar e atuar das crianças. No espaço daquela sala de aula, de uma escola pública estadual, com crianças de nove a onze anos de idade, estaríamos traçando linhas de fuga? Navegando pelos mares das temáticas proibidas? Navegar implica arte, saber, técnica em pilotagem – inventando outros espaços! Dentre nossos saberes, na construção dessa *pesquisaexperiência* explicitamos as muitas combinações com as quais adentramos em um labirinto-rede:

o rizoma, labirinto-rede, em que cada caminho pode se ligar com qualquer outro, de maneira que o labirinto já não possui centro e periferia, tampouco saída, porque ele é potencialmente infinito. O labirinto constituído pelo rizoma já é processo, e não apenas distribuição espacial” (ECO, 1985, p. 46-7).

Quem adentrou nesse labirinto? A equipe do PIBID, uma escola estadual, as crianças e os textos culturais que foram intencionalmente escolhidos para abrir as portas para as temáticas das sexualidades e das relações de gênero, “campo minado para as convicções de certezas e verdades inquestionáveis dos adultos, e até de seus sentimentos, desejos, dúvidas transformadas em discursos normativos, essencializantes e universalizantes da infância?” (XAVIER FILHA, 2012, p. 18).

Nesse campo minado que impede/autoriza a expressão das crianças – potencialmente infinito – puxamos, então, vários fios: o projeto PIBID, suas integrantes, a escola escolhida para as experiências, a reunião com as famílias e algumas atividades propostas. Todos esses fios puxados para focar na fala das crianças.

O PIBID

O Programa foi criado pelo MEC/CAPES/Diretoria de Educação Básica – FNDE em 2007 para atuar em áreas prioritárias no Ensino Médio: Licenciaturas em Física, Química, Matemática e Biologia. Ensino Fundamental: Licenciatura em Matemática e Ciências e de forma complementar em Licenciatura em Letras, Educação Musical e Artística e Educação Física. O PIBID objetiva inserir a universidade nas comunidades e atua no ensino, na pesquisa e na extensão para contribuir na melhoria da qualidade da Educação Básica, valorizando o espaço da Escola Pública como campo de experiência na construção do conhecimento.

A partir dessa tônica compõe grupos de trabalho para o desenvolvimento de projetos com a participação de professores/as e estudantes de escolas públicas; professores e professoras das universidades e estudantes de cursos de licenciatura. Atualmente a UFLA compõe sua equipe PIBID com uma coordenadora institucional, dois gestores de processos educacionais, 16 coordenadores/as das várias áreas do conhecimento, 236 bolsistas de Iniciação à Docência e 39 supervisores/as de área de várias escolas.

O projeto em tela está vinculado ao Grupo de Pesquisa: Relações entre a Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente – Departamento de Educação/Mestrado Profissional em Educação. Assumimos a dimensão social e política da extensão universitária articulada à pesquisa e elaboramos a proposta para integrar a estrutura curricular do Curso de Pedagogia da UFLA. Elencamos, aqui, as ações de ensino que são desenvolvidas por nove licenciandas e um licenciando do Curso de Pedagogia a distância em duas escolas estaduais do município de Lavras, desafiando a inserção da Educação para as Sexualidades, a dinâmica da Diversidade Sexual e das relações de gênero.

A proposta tem como finalidade integrar as licenciandas e o licenciando de Pedagogia às práticas educativas desenvolvidas no cotidiano escolar. Essa proposta visa, ainda, oportunizar reflexões teóricas acerca de diferentes realidades para planejar e por em prática metodologias que contribuam para a superação dos problemas advindos da formação histórica e cultural do povo brasileiro, no que diz respeito à convivência social.

Espera-se, portanto, que essas ações contribuam para a redução da discriminação e do preconceito social na escola, possibilitando uma interação

entre a universidade e a comunidade escolar, e contribuindo, dessa forma, com o processo de formação continuada no contexto escolar.

Seguimos tentando identificar nas escolas selecionadas questões que demandam interferência teórica-didático-pedagógica, tais como: ausência de espaço intencionalmente constituído para as expressões das crianças; estereótipias em relação às diferenças de sexo e de gênero e a existência de práticas homofóbicas e preconceituosas que prejudicam a convivência social no processo de escolarização das crianças e o desconhecimento, por parte da escola, de como organizar o trabalho pedagógico para sua formação.

A educação para as sexualidades, a diversidade sexual e de gênero são temas historicamente relevantes para promover o debate e a intervenção no processo de formação docente. No entanto, há preocupação para professores e professoras, gestores e gestoras da rede de ensino, que sentem a necessidade de maior preparo nessa área, ainda muito nova nas matrizes curriculares das escolas para muitas/os desses/as profissionais, e, sobretudo, para discentes da rede pública e para os/as licenciandos/as em Pedagogia.

Na última década, o debate sobre a dinâmica das sexualidades, da diversidade sexual e de gênero na sociedade brasileira e das ações afirmativas têm se ampliado na esfera pública e, sobretudo, nos movimentos sociais, nas instituições escolares e nas instituições de ensino superior (IES). Nesse sentido, o momento atual mostra-se favorável para a realização de ações educativas voltadas à superação das desigualdades, da compreensão das expressões da diversidade sexual, no ambiente escolar e na sociedade.

Dessa perspectiva, é fundamental que os conteúdos desenvolvidos em aula possibilitem uma ruptura dos mitos, dos tabus e dos preconceitos que envolvem as relações sociais como um exercício democrático e de direito.

Elencamos, a seguir, os objetivos para contribuir com a melhoria das relações sociais entre crianças, professores/as e gestores/as. O PIBID Pedagogia desenvolverá atividades multidisciplinares, fundamentadas nos teóricos e teóricas dos Estudos Feministas, dos referenciais pós-estruturalistas, dos Estudos Culturais, especialmente a teorização de Michel Foucault (1993): 1) Reunião inicial de apresentação do Projeto e discussão com a instituição envolvida; 2) Contato inicial de docentes e dos/das acadêmicos/as da UFLA envolvidos/as com profissionais, famílias e as crianças da escola; 3) Discussão de concepções teóricas e metodológicas no que diz respeito à sexualidade, à diversidade sexual e de gênero com a equipe da escola; 4) Organização do

espaço físico da Biblioteca da Escola, bem como a realização do plano de trabalho; 5) Adequação do espaço físico da *Sala Temática Sobre a Educação para as Sexualidades, a Diversidade Sexual e de Gênero* com o objetivo de oferecer apoio sistemático aos professores e às professoras; 6) Planejamento e organização de minicursos e oficinas, para a formação continuada de professores e professoras com conhecimentos teóricos/práticos, a fim de apoiá-los/as na elaboração de práticas educativas inovadoras que contemplem a educação para as sexualidades, diversidade sexual e de gênero; 7) Organização do Laboratório de Apoio à Ação Docente para a *Educação para as sexualidades, a Diversidade Sexual e de Gênero*; 8) Dinamização do trabalho da Biblioteca; 9) Realização de grupos de estudos teóricos e de planejamento das atividades; 10) Planejamento e organização de visitas técnicas e da cinemateca: teatros, museus, visando à ampliação do repertório cultural das crianças; 11) Inserção dos/das licenciandos/as nas atividades cotidianas da instituição; 12) Organização de um *Diário de Bordo* dos/das licenciandos/as com o registro reflexivo de todas as atividades realizadas; 13) Participação de docentes e acadêmicos/as envolvidos/as na proposta em eventos da área.

Como parte da seleção do PIBID, professoras e professores das escolas vinculadas ao Edital aberto pela UFLA se inscrevem para participar do Projeto na função de supervisoras/supervisores. Aprovadas/os, serão bolsistas, assim como as e os licenciandos/as selecionados/as. Dessa forma, esse programa de iniciação à docência amplia-se também para a formação continuada daquelas pessoas que já atuam nas escolas.

Seguindo os critérios estabelecidos pelo órgão de fomento, o PIBID Pedagogia da UFLA dispõe de dez vagas para estudantes e duas para supervisoras. O Projeto iniciou suas ações em 2014 em duas escolas estaduais e o trabalho tem sido realizado com crianças dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Para efeito da escrita deste artigo, focaremos em uma delas. Essa escola atende crianças e adolescentes do Ensino Fundamental ao Ensino Médio e há crianças que permanecem na escola em tempo integral.

Realizamos o trabalho no período da tarde, nas turmas do 1º e do 4º ano. A escolha das turmas depende da adesão da professora regente e de uma articulação com a direção da escola. A professora da turma de 4º ano é integrante da equipe do PIBID e, ao participar do edital de seleção, assumiu esse compromisso. A professora do 1º ano se dispôs a receber a equipe do

PIBID Pedagogia – Gênero e Sexualidade, alegando que “*o trabalho com essas questões é muito importante*” e assumindo que precisa de formação para tal.

A aprovação da professora-supervisora dessa escola na seleção do PIBID foi recebida com muita surpresa não só pela própria docente, mas também pela direção da escola. Num primeiro momento, a professora havia entendido que o objetivo do PIBID Pedagogia era trabalhar com gêneros textuais. Porém, na entrevista de seleção, após compreender a dimensão do trabalho pretendido pelo PIBID Pedagogia, mostrou-se sensível e aberta às questões que envolvem as relações sociais de gênero e as sexualidades.

O campo de estudos é vastíssimo. Portanto, sugerimos a essa professora e também ao e às integrantes do PIBID Pedagogia – Gênero e Sexualidade que participassem do curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola (GDE)³. Outro fio a puxar nesse processo de formação inicial e continuada docente.

O foco central do GDE são as temáticas de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais e tem como objetivo dar subsídios teórico-político-metodológicos para a formação docente continuada. O curso foi realizado a distância e encerrou-se em agosto deste ano. Ao longo de cinco meses, muitas foram as leituras, discussões em fóruns e produções de textos acadêmicos, momentos de repensar a própria prática. Para muitas pessoas, uma verdadeira experiência, no sentido de Larrosa (2002).

Para uma professora que inicia sua inserção no PIBID acreditando se tratar de gêneros textuais, podemos afirmar a importância de todo o processo formativo por ela vivenciado no GDE e também em nossas ações do Projeto, sendo a participação no grupo de estudos e planejamento uma das mais recorrentes:

Diante de tantas reflexões tenho que agradecer por ter participado de um curso que me fez rever minhas práticas e atitudes, a me posicionar de forma consciente diante de questões ditas como "problemáticas" e ter a responsabilidade de não contribuir para o aumento de discriminação e preconceitos contra todos que não correspondem a um ideal proposto pela sociedade e sim de forma construtiva através de todas as

3 Para as e o estudante de Pedagogia, o curso GDE será certificado como extensão, uma vez que ainda não possuem curso superior.

discussões, reflexões e análises. O processo foi feito de forma participativa que me levou simplesmente fazer a diferença (Reflexão professora/supervisora como cursista do GDE-2014)

Este relato nos mostra que a professora percebeu-se como alguém que pode “*fazer a diferença na escola*”, contribuindo nem que seja para “*o não aumento de situações de discriminação e preconceito*”. De outro lado, mesmo tendo consciência de que no cotidiano de seu fazer docente ou nas microrrelações da escola ela pode “fazer a diferença”, quando se tem o apoio da direção da escola, o trabalho assume outra dimensão.

Dessa forma, antes de iniciarmos o trabalho com as crianças, foi feita uma reunião com a direção da escola e com a equipe de docentes e, em seguida, com as famílias. Desde o início, sabíamos que teríamos que ter uma aproximação diferenciada na escola, visto que as temáticas do PIBID Pedagogia envolvem crenças, valores, mitos e tabus.

PRIMEIRO ENCONTRO COM AS FAMÍLIAS

Cartazes com os objetivos e ações do Programa, muitos livros e cds para crianças, jogos e um folder explicativo contendo pequenos textos tais como:

Nosso desafio é imenso: retirar a Educação para a Sexualidade do papel e inseri-la no cotidiano das escolas, continuamente, sistematicamente, calcada em princípios éticos, políticos e estéticos.

Os relatos de experiências apresentados no livro: Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal, de autoria de Ana Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro, exibiram vida, sentimentos, emoções, dúvidas, ansiedades e explicitaram relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade nas mais diferentes idades.

E é esta a grande aventura da equipe PIBID Pedagogia – abordar os temas gênero e sexualidade com conversas informais, brincadeiras, estabelecendo relações com os conteúdos das disciplinas estudadas, concomitantemente contextualizando com o cotidiano, tendo seriedade no percurso e embasamento teórico para fundamentar os projetos.

Nossos estudos têm sido muito prazerosos e temos certeza que a continuidade e a finalidade do projeto – que será o trabalho do tema por meio das oficinas nas salas de aula – será muito mais gratificante e contribuirá para um mundo melhor!

Que se inicie a aventura e que possamos, todos juntos e todas juntas, parceiros e parceiras nas descobertas, refletir sobre as enormes possibilidades do ser!

Pais, mães, tios, tias, avós, madrastras... pessoas interessadas em saber porque estávamos ali. Sala lotada! A leitura do folder gerou uma série de depoimentos e a afirmativa geral sobre a importância de se falar do tema com as crianças.

UM POUCO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Desde o início do Programa, no primeiro semestre letivo de 2014, propusemos ao e às integrantes da equipe o estudo dos textos que integram o livro “Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil” (RIBEIRO, 2012a). Esse livro foi composto por integrantes de cinco universidades: Federal de Lavras (UFLA), Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Federal de Juiz de Fora (UFJF), USP Leste e UNICAMP que participaram do projeto aprovado pela SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do MEC em 2010, objetivando realizar a formação de 500 educadoras e educadores – sob a responsabilidade das cinco universidades.

Muitas experiências que indicaram a importância da “construção de redes que possibilitem a concretização de políticas públicas para a formação de educadoras e educadores que foquem a temática” (RIBEIRO, 2012a, p. 13). A inserção no PIBID tem essa dimensão, ou seja, “continuar produzindo novas demandas, descobertas, problematizações e o desafio da continuidade dos trabalhos, haja vista a complexidade do tema e do aprofundamento teórico” (Idem, p. 13).

Assim, um dos fios puxados com o e as discentes de Pedagogia potencializa o desafio à reflexão, a partir de atividades intencionalmente realizadas para tal finalidade. Juliana explicita suas descobertas:

Na atividade proposta, fomos desafiadas à reflexão e um novo olhar para o outro. Partindo da dificuldade de não sabermos a palavra que repousava escrita em uma faixa presa a nossa testa, perdemos o controle da situação. Tentávamos nos agarrar ao desconhecido e confiávamos naqueles gestos aleatórios do colega na busca de algo familiar, para que daí fizéssemos nossas conexões, suposições e retomássemos à nossa zona de conforto. (Relato discente – Diário de bordo)

Essa atividade foi geradora de muitas discussões, considerando a sexualidade como dispositivo histórico (FOUCAULT, 1993) e, portanto, concebendo-a como uma construção histórica e social. O discente Marco explicita essa ideia:

O/a professor/a também deve ter em mente que os diferentes conceitos e aspectos da sexualidade não são fixos e imutáveis sendo construções e reconstruções feitas a todo tempo exigindo assim uma aprendizagem constante para se trabalhar essas questões, bem como uma abertura e disposição para o novo e inusitado, que pode ocorrer a todo momento (Relato discente – Diário de bordo)

Vale a pena também escutar a supervisora:

Sobre os nossos encontros, todos têm sido de grande importância para mim, pois a cada dia tenho aprendido muito e refletido sobre minhas atitudes diante de tantas descobertas; aos poucos estou me redescobrendo. Na reflexão do texto “O que é sexualidade?”, de Gláucia Peixoto Dunley, fizemos vários questionamentos e um dos comentários me marcou. Eu mesma achava que trabalhar a sexualidade seria muito difícil por ser um tema polêmico e por insegurança e falta de conhecimento. Hoje já comecei a ter outra visão: que realmente temos que falar sobre sexualidade com nossos alunos e alunas e com mais segurança; por isso vejo como é importante e necessário a formação permanente do professor/a.(Relato da supervisora - Diário de bordo)

Essa professora provoca a pensar os conceitos de saber/poder/verdade a partir de Foucault (1993). Os regimes de verdade hegemônicos constroem padrões de sujeito – no nosso caso – padrões de crianças que não podem dizer a sua voz no sagrado espaço da escola. Não podem expressar suas ideias sobre gênero e sexualidade em que as concepções de feminino e masculino têm fronteiras claras, vigiadas, intransponíveis.

Ana Godoy (2008) fala da “linha de fuga mágica que arrasta o mundo e o faz devir”. Reafirmamos que essas resistências estão diretamente relacionadas às possibilidades de expressão das crianças.

AS EXPRESSÕES DAS SEXUALIDADES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO DAS CRIANÇAS

As crianças daquela turma de 4º ano vinham abrir as portas para expressarem-se:

O termo [expressão] nos leva a pensar nas expressões como formas de comunicação das crianças e entre elas, como maneira de expressar suas vontades de saber, que são vivenciadas de diferentes formas conforme diferentes são os sujeitos. As expressões de sexualidade na infância podem ser pensadas de forma não essencialista e determinista, pois dependerão de situações e de interesses diversos de cada criança. Comumente são materializadas em perguntas; em toques no corpo (autoerotismo); em exploração no corpo de outrem; em desenhos, uso de palavras diversas para designar os órgãos sexuais, entre outras tantas (XAVIER FILHA, 2012, p. 25).

A vigilância, a censura, os controles constantes sobre a sexualidade das crianças impedem-nas, muitas vezes, de expressar suas ideias, seus desejos, suas dúvidas. O texto intitulado Educação para a sexualidade nas nuvens: quando há o anúncio das tempestades... (RIBEIRO, 2012b) provoca a pensar a metáfora das nuvens para referir-se à sexualidade das crianças porque, “simbolicamente, as nuvens revestem-se do indeterminado (...) são símbolo das metamorfoses, pois elas são o próprio devir” (p. 35). Contraditoriamente, são também tempestades: “quanta agitação extraordinária, ventos, trovões, tumultos, estrondos, perturbações, desordens...” (p. 38).

Considerando todas essas reflexões, adentramos naquela turma de 4º ano com a proposta de dançar, cantar e contar histórias. Intencionalmente foi escolhida a história “Ceci tem pipi”, de Thierry Lenain. Com ela, poderíamos “problematizar, desconstruir discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades (...) as possibilidades de colocar-se em xeque diante do novo...” (XAVIER FILHA, 2009, p. 33).

No início da leitura da história, as crianças não acreditavam no que ouviam! Seus olhinhos brilhavam acompanhando o desenrolar da história: Com-pipi... Sem-pipi... Ou o que estavam cansados/as de saber: A força física diretamente ligada aos meninos. Bonecas sendo desenhadas por meninas. Um imenso desconforto na expressão da maioria das meninas: “*Por que a gente*

não toma banho nu?”, *“Max só vê o bumbum dela”*. Visivelmente, as meninas expressavam desaprovação pelo texto e os meninos vibravam com a ideia:

- Você... você não tem pipi?!
- Espantada, Ceci olha para a parte de baixo de sua barriga e diz:
- Ué! Não, eu tenho perereca!
- E pluf, mergulha no mar.

Que discursos as crianças aprendem e que fazem funcionar como verdadeiros? O que falar? O que silenciar? Por que a expressão dos meninos é de prazer e a das meninas é de reprovação? Quantas verdades sobre sexualidades e gênero constituindo a cultura das infâncias. Recorremos novamente a Larrosa, que nos desafia a pensar o enigma que se constitui a infância:

Inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la) (LARROSA, 1999, p. 185).

Que lugar é esse da escola que vigia e sufoca a curiosidade das crianças? “Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle” (LOURO, 2001, p. 27). Por que as meninas desenhavam árvores, praias e os meninos genitais? K. diz:

Menino que brinca de boneca é “boitola”. Eu tinha um amigo que era homem e virou mulher. M. diz que há bissexual e sapatão (Diário de bordo – Giane, Elizabeth e Ágda)

Outras histórias ampliariam as discussões. Escolhemos contar a história: O menino que ganhou uma boneca de autoria de Majô Baptistone.

O MENINO QUE GANHOU UMA BONECA

Há pérolas para as problematizações nessa história que narra a festa de aniversário de Paulinho: “ao abrir o pacote retangular de papel amarelo, Paulinho ficou vermelho. Havia ali uma linda boneca”.

- Devem ter trocado o pacote na loja – disse uma tia.
- É brincadeira de alguém – falou a vovó.
- Que coisa estranha! Murmurou o Tio Nestor.
- Que boneca linda! – Admirou-se a mãe.

- Paulinho também achou a boneca bonita, mas ficou com vergonha dos amiguinhos e guardou-a na caixa.

(...)

Como não tinha ninguém vendo, pegou a boneca.

(...)

Descobri porque o senhor não segura seu bebê direito. É porque o senhor não brincou de boneca quando era menino.

Os olhos brilhavam à medida em que a história ia se desenrolando! E, logo após, as muitas possibilidades para emergirem os saberes.

“Marica” G. exclamou! Isso é coisa de menina disse L. Eu já “papaiquei” um bebê – a minha irmã, disse B.

Os risos estavam à solta a todo instante. C. disse que brinca de carrinho para aprender a dirigir. G. logo exclamou: a parte que mais gostei foi quando Paulinho falou que não estava brincando de boneca – estava treinando para ser pai. K. gostou da parte que o pai não sabia pegar o bebê direito. Y. gostou da parte que Paulinho fechou a porta do quarto e foi brincar com a boneca e também o momento que a mãe de Paulinho pegou ele brincando de boneca. L. disse que contou a história para a sua mãe e que ela também gostou (Diário de Bordo – Giane, Ágda e Elizabeth)

O que está em jogo na dinâmica dessa interlocução? Brinquedos de meninos e de meninas; o medo da homossexualidade; a maternidade e a paternidade; as relações entre homens e mulheres. “Cada uma dessas tem uma longa história, mas nos últimos duzentos anos elas se tornam preocupações centrais, frequentemente se centrando ao redor de questões sexuais” (LOURO, 2001, p. 54). Na fala das crianças articulam-se os poderes e os saberes. O discurso, portanto, como nos ensina Foucault (1993, p. 111) deve ser concebido como “uma série de segmentos descontínuos, cuja formação táctica não é uniforme e nem estável”. Uma criança explicita um saber; outra outro. E as falas circulam por muitas verdades construídas. “Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (idem, p. 111). Assim, não estamos simplesmente contando uma história, mas intencionalmente desencadeando “coisas ditas e ocultas, em enunciações exigidas e interditas; com o que supõe de variantes e de efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra (idem).

Nesse jogo complexo e instável, navegando pelo dito e não dito, mergulhamos nesse contexto institucional em que também a configuração do espaço traz inúmeros códigos e que nos desafiam às resistências: a configuração das carteiras nas salas de aulas, a ocupação de outros espaços na escola tais como as mesas enormes do refeitório, a quadra coberta, a sala de vídeo. Ou simplesmente as propostas de atividades em grupo!

Dividimos as crianças em cinco grupos, com mais ou menos cinco integrantes em cada grupo. Entregamos papel pardo e canetinhas e pedimos para desenharem um corpo. Houve vários conflitos entre eles para decidir qual seria o sexo (masculino/feminino) do desenho. No grupo do G. tiraram 2 ou 1 para decidir, teve cara feia, discussão e resistência. Em um dos desenhos perguntamos se era menina ou menino e uma menina respondeu: *“é menina, não tá vendo os cílios dela? Os cílios são longos e estão de lado por causa do lápis que passou no olho”*. Já G. falou que se fosse desenhar uma menina teria que pintar a unha dela. Citou ainda que pintou a unha do dedinho para a copa do mundo. L. disse: *“ah! Travesti é que passa maquiagem”*.

No grupo do J., o desenho era menino, mas as meninas disseram que iriam desenhar florzinhas também. Já em outro grupo, Alice iniciou a conversa da seguinte forma: *“o menino tem dois ouvidos e cabelo curto; a diferença é que menino tem pênis e meninas tem va va va, o que mesmo?”*. Completa logo em seguida meio tímida, *“vagina”*. *“Mas nós desenhamos um boneco de roupa”*.

No desenho do K. e do E., o boneco estava de short saruel; indagamos se aquela peça de roupa era usada apenas por homens e eles concordaram que não. Em outro grupo estava desenhada uma menina e disseram que ela estava de vestido porque estava grávida e queria esconder a barriga.

Ao começar a apresentação dos trabalhos em grupo, surgiu a palavra líder. *“D. explica porque ele é o líder”*, disse a coleguinha. Esse grupo era formado por cinco integrantes, sendo um menino e quatro meninas. Douglas começa a explicar que o desenho iria ser uma menina, mas a medida que o desenho foi fluindo fizeram um menino porque acharam que o desenho ficou mais parecido com menino.

No grupo do G., o desenho é uma menina porque tem cabelo longo e vestido. K. disse que se fosse menino era travesti. I. disse que quando tinha cinco anos tinha uma namorada de cabelo curto e a beijava no rosto. Intervimos dizendo que quando se gosta muito de uma pessoa e é criança não é namorada e sim

amiga; ele responde que namorada não beija só no rosto; quando pedimos para explicar ele não quis.

No grupo do J. e da R., “o volume da calça no desenho não é um pênis”, disse K; é um detalhe da calça. No grupo da A. L. e A. C., K., I., as meninas disseram que o K. não queria que desenhasse uma menina, mas eles não sabiam desenhar e logo o desenho se tornou uma menina e fizeram, então, um vestido.

No grupo do K. e E., o menino usa uma tornozeleira do Bob Marley, porque é menino. No grupo da L. desenharam um menino de olho verde e cabelos loiros e “*ele está sem camisa porque está na praia, mas está de bermuda porque ainda não entrou no mar!*”. (Diário de bordo – Elizabeth)

Quanto a problematizar com as crianças! Xavier Filha enfoca a educação para a sexualidade:

Prática que visa a refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades. A dúvida da certeza, a transitoriedade das convicções, as possibilidades de colocar-se em xeque diante do novo... são algumas possibilidades de uma perspectiva da ‘educação para a sexualidade’. A conjunção e o artigo que ligam as palavras ‘educação’ e ‘sexualidade’ também podem ser pensados como a transitoriedade, ou seja, a educação para a vivência da sexualidade (XAVIER FILHA, 2009, p. 33-34).

Todas essas discussões demandaram negociações, exposição das crianças aos diversos saberes de cada uma delas. Discutir em pequenos grupos gerou partilha e a dificuldade de seu exercício. Ou seja, não é só a discussão das relações de gênero e sexualidade, a expressão das crianças, mas a postura que requer viver em sociedade – de construção do respeito mútuo.

CADA UM É COMO É

A próxima atividade contemplava folhas com a letra da música de Toquinho, “Cada um é como é” para que as crianças acompanhassem a música que iria tocar no aparelho de cd; antes, Giane, uma das licenciandas, perguntou se alguém já tinha ouvido falar de Toquinho. Três crianças se pronunciaram e disseram que a música Aquarela era de sua autoria. M. até cantou um pedacinho da música.

Essa é uma música de autoria de Toquinho e Elifas Andreato e sua letra traz muitas possibilidades de problematização. Os autores falam da vida do papai, da mamãe, da vovó, do vovô e de “homem e mulher que confusão, cada um é como é. Por fora tudo bem, por dentro não, ninguém parece com ninguém”. Só esse refrão foi gerador de muitas falas das crianças:

A pessoa pode ser bonita por fora e por dentro má;
Pode ser travesti;
Por dentro um é mais gentil;
A mulher tem vagina e o homem tem pênis;
As pessoas não são iguais. Só o sexo é diferente. Tem nordestinos, negros, pessoas da roça, humildes. E todas merecem respeito.

A letra da música fala da Playboy do papai; de traição; do fio dental da filha e tudo isso desencadeia a fala das crianças:

Playboy é uma revista de mulher pelada;
Playboy é revista de mulher bonita;
É revista pornográfica;
Trair é assim: você é casado com uma pessoa e fica namorando outra pessoa.

Essa foi a possibilidade para perguntarmos sobre filmes pornográficos. Muitas crianças informaram que assistem a esses filmes e contam detalhes do dia, da hora, das companhias. Conversamos também sobre a indicação dos filmes. Essa conversa levou à outra: o estupro. As crianças tinham muitas histórias para contar:

Não aceitar bala de quem não conhece, pois pode ser uma bala de “boa noite cinderela”;
Minha mãe disse para não abrir a porta para ninguém;
Tem pessoas que se vestem de carteiro para entrar na casa dos outros;
A avó disse para não aceitar carona;
Um homem pediu água na rua para uma menina. Ele entrou junto com ela na casa para buscar a água, mas o que queria era estuprar a menina.

Esses temas foram amplamente desenvolvidos. Algumas crianças têm muita informação e vivências; outras não! Esse espaço – intencionalmente criado para a fala das crianças – pode ser gerador de processos educativos que interferem em suas vidas. Se há mães que informam sobre os perigos e os cuidados no cotidiano, há mães e pais que não informam. A escola cumpre sua função de proteção às crianças integrando uma rede maior e falando

abertamente – com música, história, poesia – sobre os temas em tela. Essa rede maior é explicitada por Déborah Britzman:

Muito frequentemente o tipo de projeto que tenho em mente existe fora da educação pública, além dos limites do conhecimento disciplinado e além do mecanismo defensivo do discurso escolar oficial. Os projetos podem ser conhecidos por sua controvérsia, por sua recusa a categorias ordenadas, pelos debates que eles permitem, pelas práticas que os tornam possíveis e impossíveis, e é precisamente essa dinâmica que a educação nega (2001, p. 108).

Nossa experiência aponta no sentido das possibilidades nas escolas: diferentes famílias, diferentes crianças, diferentes concepções na escola e diferentes metodologias de abordagens do conceito de gênero e sexualidade. O projeto PIBID ocupa, ainda, esse pequeno espaço, que tem sido frutífero para experienciar a educação para as sexualidades e relações de gênero. Não só os projetos de fora da escola podem acessar a literatura, a música, o cinema – os vários textos culturais.

Ao acessá-los é uma forma também de acessar as culturas da infância – o que dizem, o que pensam – a partir de instigar a sua fala. Nem poderíamos imaginar que a música do Toquinho incitaria a falar de estupros e filmes pornográficos. Uma surpresa atrás da outra. A primeira delas foi quando apresentamos a música, na voz do cantor. As crianças diziam não gostar – que gostavam era de funk, rap, pagode e sertanejo. Mas, logo a seguir, elas pareciam hipnotizadas! Relaxaram tanto que algumas chegaram a dormir.

Toquinho tinha essa intenção – de atingir suas emoções! Em entrevista no contexto da pesquisa: A fala da criança sobre sexualidade humana. O dito, o explícito e o oculto (RIBEIRO, 1996) na qual a pesquisadora utilizou duas músicas do antigo long play “A canção dos Direitos da Criança” para desencadear a fala das crianças. A primeira referente ao 4º Princípio da Declaração Universal dos Direitos da Criança intitulada “De umbigo a Umbiguinho” que diz que a criança tem direito a alimentação, deve crescer com saúde e a mãe deve ter cuidados médicos antes e depois do parto. E a outra música que se refere ao 6º Princípio – a criança tem direito a amor e compreensão; deve crescer sob a proteção dos pais, com afeto e segurança para desenvolver sua personalidade (ANDREATO, 2011, 26, 29).

A referida entrevista foi realizada com o compositor Toquinho em 01/07/1994 e ele diz que a sua intenção e a do Elifas Andreato:

Foi pegar uma ideia que teria que ser traduzida pelos pais que é a ideia geral do disco, que são os direitos que a criança tem na ONU, onde cada direito se tornou uma canção. Cada canção tem que existir na cabeça da criança e entender esse direito na linguagem dela. Mesmo que o pai não explique, ela vai entender no subconsciente, nessa relação intuitiva: canto, letra, intuição, sentimento. A criança vai entender toda uma mensagem que, depois, o pai vai explicar pra ela. A canção tem que traduzir esse direito numa linguagem infantil (*apud* RIBEIRO, 1996, p. 130).

As intencionalidades perpassam todo esse processo. Tanto a dos autores das músicas para desencadear a interlocução do adulto e crianças quanto a das educadoras do PIBID com o mesmo objetivo. A música “Cada um é como é” utilizada com a turma de 4º ano revelou os infindáveis saberes das crianças. As profissionais da educação que atuam na escola e que inteiraram-se da atividade desenvolvida não acreditaram que as crianças expressaram o que expressaram. Quando Toquinho compôs a música pensou nas famílias para facilitarem o entendimento das crianças. Nós, educadoras, assumimos essa responsabilidade. Quanta possibilidade para a expressão das crianças. Toquinho afirmou em sua entrevista que o adulto tem essa função – criar condições para tal: “sem subestimá-la nunca, sem fazer esse blá, blá, blá, chic, chic, de criança, como se essa fosse a linguagem dela sempre” (IN: RIBEIRO, 1996, p. 130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas reflexões fazem-nos retornar à simbologia da porta do início deste texto. A porta que se abriu para as discussões da autoproteção e da exposição a materiais pornográficos e todos os textos que poderão ser acessados não tem limite. A enorme dimensão dessa questão informa que,

a partir da implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990a) juntamente com outras normas e acordos internacionais, o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes deixaram de ser apenas crimes contra a liberdade sexual, passando a ser tratados como violações aos direitos humanos, ou seja, ao respeito, à dignidade, à liberdade, à convivência familiar e comunitária e ao desenvolvimento da sexualidade saudável (SANTOS e IPPÓLITO, 2011, p. 13).

O termo abuso não tem nossa aquiescência. Concordamos com FARIA e PAULINO (2012) quando assumem a terminologia violência sexual “pois abuso pode denotar ultrapassar limites, mas quando estamos nos referindo a abuso sexual intrafamiliar de crianças e adolescentes será que existe limite?”.

O autor e a autora elencam uma série de perguntas: “Até que ponto é permitido ao adulto ou adolescente mais velho/a tocar as genitálias de uma criança para satisfação própria? Quando o ato de abusar sexualmente de uma criança ou de adolescente não é violento? O que é violência? Será que um pouquinho de violência é permitido? (p. 364).

As atividades produzidas com as crianças serão discutidas também com as famílias e com as profissionais da educação que integram a escola. Esse movimento emaranha as discussões das relações de gênero e das sexualidades na escola e, que é possível articular também classe, raça/etnia. Temas que navegam pelas diferentes configurações familiares e as múltiplas paternidades e maternidades; as mulheres no mercado de trabalho; as muitas identidades sexuais; os direitos sexuais e reprodutivos – que englobam diferentes aspectos das expressões das sexualidades.

Enfim... não tem fim as muitas portas que se abrem para aprendizados de novas formas de ser em grupo nesse campo de lutas, negociações, resistências; nesse envolvimento em “discussões surpreendentes e interessantes”. E Britzman (2001, p. 89) segue desafiando nosso envolvimento em “atividades que desafiam nossa imaginação, que nos propiciam questões para refletir e que nos fazem chegar mais perto da indeterminação do eros e da paixão, nós sempre temos algo mais a fazer, algo mais a pensar”.

E as crianças também!

REFERÊNCIAS

ANDREATO, Elifas. **Manual para encenar a canção dos direitos da criança**. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, 2011.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CARDOSO, Livia de Rezende. Nos rastros de uma bruxa, comendo metodologias alquimistas. IN: MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ECO, Umberto. **Pós Escrito a O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARIA, Livia Monique de Castro e PAULINO, Alessandro Garcia. **Entre Marias e Preciosas: textos culturais, gênero e violência sexual**. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (org.) *Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil*. Lavras: UFLA, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GODOY, Ana. **A Menor das Ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KATZ, Chaim Samuel. *Crianceria. O que é a criança*. **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. PUC-SP. Jun. 1996.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-29, jan./abr. 2002.

_____. *O enigma da infância*. In. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**, trad. VEIGA-NETO, A. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu Silva. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RIBEIRO, Cláudia Maria. **Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação infantil**. Lavras, MG: Editora UFLA, 2012a.

_____. *Educação para a sexualidade nas nuvens: quando há o anúncio das tempestades...* IN: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2012b.

_____. **A fala da criança sobre sexualidade humana. O dito, o explícito e o oculto**. Lavras, MG: UFLA; Campinas, SP Editora Mercado de Letras, 1996 (Coleção Dimensões da Sexualidade).

SANTOS, Benedito Rodrigues dos e IPPÓLITO, Rita. Guia Escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica, RJ: EDUR, 2011.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.

_____. **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2009.

*Recebido em julho de 2014.
Aprovado em agosto de 2014.*